

Cinema-Teatro Joaquim de Almeida | 1 de Outubro | 21h00

Peixinho, um Tesouro Nacional

Programa

<i>Serenata per A</i> (fl, guit, pno, perc)	Jorge Peixinho
<i>Cobalto*</i> + (fl, guit, pno, perc)	Aldo Brizzi
<i>Echi di Pietra*</i> + (fl, cl, vl, vlc, pno, perc)	Francesco Maggio
<i>El Vaso Reluciente*</i> (voz, fl, cl, vlo, vla, vlc, hrp, pno)	Clotilde Rosa
<i>Ciclo Valsa</i> (conjunto instrumental variável)	Jorge Peixinho
<i>Sine Nomine</i> (obra aberta para conjunto livre)	Jorge Peixinho

* Encomenda GMCL
+ Estreia

Maestro

Aldo Brizzi

Intérpretes

Mezzo-soprano – Susana Teixeira	Piano – Silvia Belfiore
Flauta – João Pereira Coutinho	Guitarra – Paulo Amorim
Clarinete – Luís Gomes	Violino – José Machado
Percussão – Fátima Pinto	Violeta – Ricardo Mateus
Harpa – Ana Castanhito	Violoncelo – Jorge Sá Machado

Serenata per A (1981), Jorge Peixinho

Esta peça, encomenda da Fundação Gulbenkian para o “Festival Prospettive Musicali” de Acqui Terme (Itália), foi escrita em 1981. Nasceu de uma solicitação do compositor italiano Aldo Brizzi para a formação do conjunto "Antidogma" de Turin (flauta, guitarra, piano e percussão), o qual efectuou a sua primeira audição em Setembro de 1981. O título (Serenata) refere-se ao carácter geral da peça (melhor diria, ao seu "clima" específico). O A. corresponde à inicial dos três destinatários: o "inspirador" (Aldo Brizzi), o conjunto de intérpretes (Antidogma) e a cidade - sede do Festival (Acqui Terme).

A atmosfera geral da peça deriva, desde logo, de uma selecção muito rigorosa de tipos de material bastante heterogéneos, ordenados segundo um critério - base de fraccionamentos e intermitências. Assim se estabelece um jogo ambíguo de continuidades e descontinuidades através do tecido instrumental, ou seja: por um lado, um percurso específico para cada um dos quatro instrumentos; por outro, uma trajectória global autónoma, embora influenciada pelo percurso individual dos seus componentes.

Referiria ainda a "recuperação", filtrada pela memória, de elementos musicais pré-existentes, nomeadamente de Stockhausen (Gruppen) e de Ravel (Jeux d’eaux), suficientemente depurados e longinquamente aludidos. A Serenata per A. poderia ser definida como "uma melodia de timbres, projectada em múltiplas dimensões continuamente variáveis".

Jorge Peixinho

Cobalto (2011), Aldo Brizzi

O cobalto (do alemão Kobold, duende, demónio das minas) é um elemento químico. O cobalto é um metal duro, ferromagnético, de coloração branca azulada. Mas é também o nome de um pigmento: cobalto azul, criado com os sais do cobalto, em italiano conhecido como “carta da zuccherò” (papel de açúcar). É uma cor fria e dessaturada do azul.

Em uma visão poética ligada à minha obra musical o “duende das minas”, aparece como numa noite metafísica onde tudo se vê além das aparências e dos sons do mundo das aparências. Não se trata de sons místicos, mas de um convite ao público para perceber o duende escondido atrás de cada cristalização sonora: ritmos hipnóticos mas sempre diferentes, melodias que se apresentam como ritmos e harmonias como melodias, e o todo numa paisagem fria e dessaturada como de azul cobalto.

A escolha do conjunto: flauta, guitarra, percussão e piano, é uma homenagem ao Jorge Peixinho que escreveu em 1981 “Serenata per A” para o mesmo conjunto instrumental.

O trabalho é uma encomenda do Grupo de Música Contemporânea de Lisboa e é dedicado à memória de Antônio de Oliveira e Silva, que foi o primeiro a me falar de Pessoa, de Portugal e de Jorge Peixinho, quando eu era ainda estudante.

Aldo Brizzi

***Echi di Pietra* (2011), Francesco Maggio**

dedicato ad Aldo Brizzi

Le pietre, oggetti inermi che appena raccolti, diventano tra le mani dell'artista frammenti di memoria pronti per essere raccontati. Forme inconsuete capaci di generare meccanismi associativi, bellezza archetipica, metafora di oggetti quotidiani eppure ancora sassi. Echi di pietra provenienti dal passato, resti di ammassi giganti, consumati nei millenni, divenuti tascabili, prelevabili, catalogabili, e assimilabili a forme perfette, antropomorfe, fantastiche, geometriche.

In "Echi di pietra" per sei strumentisti cerco di instaurare un rapporto diretto con l'ascoltatore, per chiamarlo in causa, affinché venga risucchiato in quel meccanismo di decifrazione necessario, semplice come un gioco per bambini, con regole precise tese a ricercare un confronto che confermi o neghi l'interpretazione del compositore.

In "Echi di pietra" cerco di ripercorrere il rito che lega gli uomini alla materia, alla terra e ai luoghi carichi di potenza e di mistero. Le pietre, resti di ammassi giganti, che sono il punto di incontro tra la sfera terrestre e la sfera celeste, il punto dal quale passa l'Asse del mondo, linea dove possono attivarsi i passaggi tra i diversi livelli cosmici.

"Echi di pietra" è un viaggio nei luoghi che hanno visto scorrere il passato e divengono vivi con la nostra presenza, con echi che lasceranno tracce nella nostra memoria.

Francesco Maggio

***El Vaso Reluciente* (2003), Clotilde Rosa**

Esta obra foi-me encomendada pelo GMCL a quem dediquei. Escolhi este soneto de Camões pela sua beleza e transparência. Tentei interpretá-lo em música conferindo-lhe uma trajetória de um clima mais ou menos rarefeito, procurando timbres luminosos a fim de manter o ambiente que é tão peculiar ao poema e que permaneceu no meu espírito. El Vaso Reluciente é de relativa curta duração conforme o soneto. Acaba num rendilhado de sons como se de um sonho se tratara...

El vaso reluciente...
El vaso reluciente y cristalino,
De Ángeles agua clara y olorosa,
De blanca seda ornado y fresca rosa,
Ligado con cabellos de oro fino;
Bien claro parecía el don divino
Labrado por la mano artificiosa
De aquella blanca Ninfa, graciosa
Más que el rubio lucero matutino.
Nel vaso vuestro cuerpo se afigura,
Rajado de los blandos miembros bellos,
Y en el agua – vuestra ánima pura;
La seda es la blancura, y los cabellos
Son las prisiones y la ligadura
Con que mi libertad fue asida dellos.

L.V. Camões

Ciclo-Valsa (1982), Jorge Peixinho

Composta como segundo painel do díptico "Two Minimal Pieces". A obra foi escrita para um conjunto instrumental variável, velofone (instrumento imaginado pelo compositor e que consiste numa rota de bicicleta e caixas de música. A altitude experimental sempre foi fundamental nos itinerários criativos de Peixinho, enquanto veículo de um persistente desejo de renovação. A ideia catalisadora dizia respeito ao interesse por criar, a partir da forma de espiral, uma espécie de valsa imaginaria. Cada instrumento toca um número variável de fragmentos musicais, aleatoriamente organizados por ciclos de duração diferente. Peixinho explica que é "uma obra aleatória assente numa estrutura métrica incessantemente ternária (como convém a uma valsa que se preza), sobre a qual se vão sucedendo, sobrepondo e desenvolvendo vários elementos melódicos com características tipológicas distintas" (Jorge Peixinho, Notas de Programa).

A obra reflecte uma inquietude constante na procura do novo, na busca de novos horizontes. Nunca utilizou processos aleatórios totais, pois sempre quis ter um controle global sobre as linhas gerais da forma. Percebe-se, nesta obra, a reflexão do compositor sobre a problemática da obra aberta, reservando para si a responsabilidade da composição das partes ou fragmentos, notando rigorosamente cada módulo e atribuindo aos intérpretes a possibilidade de escolher um dos vários percursos possíveis. Assim, "o perfil global da obra assenta numa estrutura policíclica na qual os ciclos individuais de cada instrumento são sempre permutáveis entre si e não coincidentes com os demais" (Jorge Peixinho, Notas de Programa).

Existe também uma segunda versão desta obra, datada de 1985.

***Sine Nomine* (1987), Jorge Peixinho**

Duas ideias fundamentais presidiram à concepção desta peça: de um lado uma visita a obras minhas precedentes, com vista à recuperação de elementos musicais significativos para cada instrumento, com vista à sua possível integração; e do outro a realização de uma obra aberta radical, tendo como objectivo uma verdadeira improvisação interactiva, baseada em trechos escritos tocados livremente.

Jorge Peixinho

JORGE PEIXINHO (1940 - 1995)

Compositor, pianista, professor, maestro, conferencista, ensaísta, Jorge Manuel Rosado Peixinho é uma referência incontornável na música contemporânea em Portugal da segunda metade do século XX, bem como na divulgação internacional da música portuguesa.

Nascido em 1940, no Montijo (arredores de Lisboa), frequentou o Conservatório de Lisboa, onde concluiu os cursos de Piano e de Composição. Posteriormente, como bolseiro da Fundação Gulbenkian, estudou em Roma com Boris Porena e Goffredo Petrassi, na Academia de Santa Cecília, onde obteve o diploma de aperfeiçoamento em Composição.

Trabalhou ainda com Luigi Nono, em Veneza, e com Pierre Boulez e Karlheinz Stockhausen na Academia de Música de Basileia. Frequentou também, em várias edições, os Cursos Internacionais de Darmstadt, colaborando nos projetos de composição colectiva promovidos e dirigidos por Stockhausen. Estagiou ainda no estúdio de música electrónica IPeM, em Gent (Bélgica), tendo mais tarde sido convidado para realizar várias obras no Estúdio de Música Electrónica de Bourges

(França).

Peixinho participou em inúmeros festivais de música contemporânea, entre os quais se destacam os de Royan (França), Gaudeamus (Holanda), Madrid, Vigo (Espanha), Veneza, Bayreuth, Bucareste, Buenos Aires, Maracaibo (Venezuela), São João del Rei, Santos e Curitiba (Brasil), Alexandria, entre outros. Colaborou regularmente nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea, em Lisboa.

Foi também membro de júris de vários concursos internacionais de composição – Festival de Guanabara (Rio de Janeiro), Prémios Martin Codax (Vigo), Concurso Viotti (Vercelli, Itália) e Fernando Pessoa (Lisboa) – tendo pertencido ao Conselho Presidencial da Sociedade Internacional de Música Contemporânea.

Obteve os prémios de composição Gulbenkian, Sociedade Portuguesa de Autores, Conselho Português de Música e Sassetti e ainda o de Crítica de Música Erudita da Casa da Imprensa. Foi distinguido pela Secretaria de Estado da Cultura com a Medalha de Mérito Cultural.

Jorge Peixinho recebeu encomendas de diversas instituições culturais e agrupamentos musicais portugueses e estrangeiros: Fundação Gulbenkian, Conselho Português da Música, Comissão dos Descobrimentos, Oficina Musical, Festival Internacional de Alicante, New Music Concerts (Toronto, Canadá), Festival de Acqui Terme (Itália), entre outros.

Como docente, leccionou nos Conservatórios de Lisboa e do Porto e em diversas masterclasses em Portugal e no estrangeiro.

GRUPO DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA DE LISBOA

Fundado em 1970 por Jorge Peixinho, com a colaboração de Clotilde Rosa, Carlos Franco e António Oliveira e Silva, o Grupo de Música Contemporânea de Lisboa (GMCL) é o primeiro grupo português de música contemporânea, desempenhando um papel histórico de vanguarda na abertura da sociedade portuguesa à estética musical do nosso tempo.

A sua primeira apresentação pública aconteceu no Festival de Sintra 1970, mantendo, desde então, uma constante regularidade nas suas apresentações no país, incluindo gravações para a rádio e televisão. Em 1972, teve a sua primeira deslocação ao estrangeiro, ao Festival de Arte Contemporânea de Royan.

Ao longo dos seus 40 anos de existência, O GMCL apresentou-se em vários Festivais de Música Contemporânea, nomeadamente em Amsterdão, Bamberg, Bayreuth, Belo Horizonte, Bruxelas, Madrid, Nice, Roterdão, Santos, São Paulo, Sevilha, Siena,

Turim, Valência, Varsóvia e Zagreb. Em Portugal, destaca-se a sua participação regular nos Encontros Gulbenkian de Música Contemporânea e ainda nos Festivais do Estoril, Coimbra, Europália 91 e T.N. S. Carlos, entre outros.

A discografia do GMCL compreende predominantemente obras de Jorge Peixinho, com várias interpretações dirigidas pelo próprio compositor, para além de numerosas criações de outros compositores portugueses. Tem recebido sempre o aplauso da crítica especializada portuguesa e internacional. O Grupo gravou também obras de compositores portugueses para a Tribuna Internacional de Compositores e participou em várias obras originais para teatro, cinema e multimédia.

O GMCL foi distinguido com a medalha de Mérito Cultural atribuída pela Secretaria de Estado da Cultura, como reconhecimento da sua atividade de divulgação da cultura musical contemporânea nacional e estrangeira.

Divulgar obras de autores portugueses contemporâneos, com incidência na obra de Jorge Peixinho, é o cerne da missão do GMCL. Apoiado pelo Ministério da Cultura, desenvolve desde 2000 um projeto de encomendas de obras a compositores com a sua respectiva apresentação pública e divulgação. Paralelamente, o GMCL desenvolve uma ação pedagógica de divulgação, de criação de públicos e de formação de novos maestros e intérpretes.

Em 2010, aquando da celebração do seu 40º aniversário, o GMCL apresentou-se em França, Espanha e em Portugal, no Centro Cultural de Belém, na Casa da Música e na Culturgest.